

Medo e identidade: o impacto da violência em *Desconstruindo Una*¹

Fear and identify: the impact of violence in *Becoming Unbecoming*

Angélica Regina Gonçalves Bertolazzi²

Universidade Estadual de Londrina

 10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e219524

Resumo

Um período da vida da personagem Una foi orientado pelo medo, o qual despertou um doloroso processo de desconstrução identitária. À vista disso, o objetivo principal é verificar se o medo é um fator constituinte da identidade da protagonista da história em quadrinhos autobiográfica *Desconstruindo Una* (Una, 2018), visto que essa emoção é evocada pelas memórias de uma vítima de abusos sexuais durante a infância e a adolescência. Dessa forma, foi realizado um levantamento bibliográfico que permitiu a construção da fundamentação teórica relativa ao medo (Bauman, 2008; Tuan, 2005), à identidade (Woodward, 2012) e à linguagem dos quadrinhos (Ramos, 2010), ao perceber a relevância do medo e a sua metaforização verbo-visual no processo identitário de Una. Pela análise de cunho interpretativista, obteve-se a confirmação do medo como fator substancial na constituição da identidade e a sua resignificação, a partir do momento que a protagonista decide dar fim ao silêncio e intenciona ser voz para outras vítimas de violência sexual.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Medo. Identidade. *Desconstruindo Una*.

Abstract

A period of Una's life was guided by fear, which triggered a painful process of identity deconstruction. In view of this, the main objective is to verify if fear is a constituent factor of the identity of the protagonist of the autobiographical comic *Becoming Unbecoming* (Una, 2018), since this emotion is evoked by the memories of a victim of sexual abuse

¹ Apresentado na Sessão Temática 7 – “Quadrinhos, História e Sociedade”, modalidade remota, em 22 de ago. 2023. Apresentação disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lrh4W_Tiz9I. Acesso em: 07 nov. 2023.

² Mestra e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Integrante do projeto de pesquisa “Quadrinhos e análise linguística: as personagens em atuação na novela gráfica (UEL). Artigo baseado na tese em andamento, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Borges (UEL). E-mail: angelica.bertolazzi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7154-7017>.

during childhood and adolescence. In this way, a bibliographical survey was carried out, which allowed the construction of the theoretical foundation related to fear (Bauman, 2008; Tuan, 2005), identity (Woodward, 2012) and the language of comics (Ramos, 2010), when perceiving the relevance of fear and its verbal-visual metaphorization in Una's identity process. Through the interpretive analysis, fear was confirmed as a substantial factor in the constitution of identity and its re-signification, from the moment the protagonist decides to end the silence and intends to be a voice for other victims of sexual violence.

Keywords: Comic book. Fear. Identity. *Becoming Unbecoming*.

Introdução

Desconstruindo Una, publicada originalmente sob o título *Becoming Unbecoming* em 2015, é uma história em quadrinhos autobiográfica da autora britânica de pseudônimo Una. Em 2018, foi lançada a tradução para o português pela editora Nemo, sendo essa a versão utilizada neste trabalho. Por meio da narrativa, a combinação de memórias e jornalismo retrata a violência contra a mulher em uma época conservadora e machista. Sob a ótica da protagonista Una, tem-se acesso à descrição de sintomas físicos, psíquicos e emocionais de uma vítima de abusos sexuais. Essas violências foram praticadas por homens diferentes, quando ela tinha 10, 12 e 16 anos. Em função do medo ser constante, a personagem vive sob o desconforto da incerteza de um perigo real ou imaginário, enquanto se desconstrói identitariamente.

Perante o exposto, o principal objetivo deste artigo é verificar se o medo é um fator constituinte da identidade da protagonista Una. Os objetivos secundários concentram-se em: 1) observar de que modo o medo é apresentado e 2) explorar as formas de manifestação do medo, tendo em vista a construção ou não da identidade. De acordo com Bauman (2008) e Tuan (2005), o medo pode ser uma emoção protetiva para a sobrevivência ou um problema quando há um excesso de comportamentos defensivos que interferem nas ações do indivíduo e suscitam uma série de efeitos negativos.

Esta pesquisa caracteriza-se como explicativa quanto ao objetivo proposto e bibliográfica quanto ao procedimento metodológico. Conforme Gil (2002) e Prodanov (2013), a pesquisa explicativa se preocupa em identificar, interpretar e explicar os fatores que provocam determinado fenômeno. Diante disso, utilizou-se a descrição e a interpretação de elementos quadrinísticos

presentes na narrativa, visando verificar a possível relação entre o medo e a constituição identitária da protagonista. Em sequência, realizou-se a pesquisa bibliográfica que, segundo os referidos autores, é elaborada a partir de materiais publicados, como livros, artigos científicos, monografias, dissertações, teses, revistas, jornais, entre outros. Assim, fez-se uma contextualização de aspectos pertinentes à pesquisa e, em seguida, delineou-se as perspectivas teóricas relativas ao medo (Tuan, 2005; Bauman, 2008) e à construção identitária (Bauman, 2005; Woodward, 2012), ancoradas na linguagem dos quadrinhos (Ramos, 2010; Eisner, 2010; Cagnin, 2014).

Com relação ao objeto de estudo, trata-se de uma construção, visto que se fez a escolha da história em quadrinhos autobiográfica *Desconstruindo Una* (Una, 2018), por conter várias temáticas associadas à violência contra a mulher, das quais o medo está presente. Ademais, retrata uma determinada época e apresenta aspecto sócio-histórico documental. O tema central da história em quadrinhos situa-se no período de 1970 e 1980, entretanto a violência de gênero perdura até os dias atuais. Conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023) algumas das estatísticas de violências notificadas às autoridades policiais em 2022 foram: 1) assassinatos de mulheres em contexto discriminatório de gênero, designado feminicídio, com aumento de 6,1% em relação ao ano anterior, totalizando 1.437 vítimas e; 2) os casos de estupro e estupro de vulnerável correspondentes ao crescimento de 8,2%, sendo a maioria das vítimas do sexo feminino. Em consideração ao exposto, evidencia-se a necessidade de questionamento.

A análise, de cunho interpretativista, foi realizada por amostragem, em função da representatividade do que foi observado. Assim sendo, foram selecionados três fragmentos, em que o medo é configurado pelos recursos quadrinísticos (legenda, expressividade corporal e metáfora), para apurar sua possível interferência na identidade da protagonista. Ressalta-se o uso do termo “fragmento”, ao invés de “figura”, por compreender que os recursos quadrinísticos abrangem a linguagem verbal assim como a visual. Por fim, as considerações obtidas por meio da pesquisa são apresentadas.

1 – Breve contextualização de *Desconstruindo Una*

Na narrativa, diversas formas de violência perpetradas contra as mulheres, entre as décadas de 1970 e 1980, são delineadas pela linguagem quadrinística, mediante dois eixos temáticos norteadores do desenvolvimento narrativo. O primeiro é o caso do Estripador de Yorkshire, um assassino britânico de mulheres entre 14 e 42 anos, que foi desconsiderado um suspeito por muitos anos, por não se enquadrar no perfil de um assassino em série traçado pelos investigadores. Peter Sutcliffe, conhecido como Estripador, era um homem visto como “comum”, por ser casado e caminhoneiro. Sob o julgamento de reputação questionável, alicerçado em um discurso machista-patriarcal proveniente da “cultura do estupro” (Sousa, 2017), as mulheres eram vítimas tanto do criminoso quanto da sociedade, ao serem responsabilizadas pela violência sofrida.

Segundo Sousa (2017), a cultura do estupro trata-se da violência contra a liberdade sexual da mulher, a qual é mantida socialmente pelo machismo e pela misoginia. A mulher, vítima de violência sexual, é julgada e culpabilizada pelo próprio crime, perante a perspectiva de princípios de moral e bons costumes. Como resultado, há a proteção do criminoso e a anulação dos direitos da vítima.

O descaso das autoridades policiais e o sistema falho de investigação do condado britânico eram perceptíveis, dado que interrogaram o autor dos crimes por nove vezes e não notaram o seu rosto estampado entre os retratos falados. Em 1981, Peter Sutcliffe foi detido em uma abordagem policial, porque seu carro tinha a placa falsa. Por apresentar depoimentos contraditórios e aparentar nervosismo, foi considerado um suspeito. Logo, confessou os crimes, sendo julgado e condenado à prisão perpétua. À princípio, o caso do Estripador foi registrado pela imprensa local, em seguida, ganhou espaço midiático. Em 2020, ano de seu falecimento em decorrência da COVID-19³, imagens reais da investigação e dos depoimentos de pessoas envolvidas substanciaram uma produção fílmica documental, que foi disponibilizada por uma plataforma de *streaming*.

³ ‘Estripador de Yorkshire’, que se recusou a tratar Covid, morre dias depois. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/11/13/estripador-de-yorkshire-morre-serial-killer.htm>. Acesso em: 01 nov. 2023.

Concomitantemente aos crimes, as experiências traumáticas vivenciadas por Una eram relatadas em meio à incompreensão de que se tratava de violência sexual. Ela tinha apenas 10 anos quando aconteceu o primeiro abuso e não conseguia contar para sua família. Naquela época, não havia uma educação sexual para orientar e esclarecer questões relacionadas à sexualidade. Por presumir que tal acontecimento devia ficar no passado, ela teve a ilusão da continuidade de sua construção identitária, devido aos preceitos morais da sociedade: “Eu aprendi cedo a baixar a cabeça” (Una, 2018, p. 14). À vista disso, a vida devia seguir, porque “era apenas o modo como as coisas eram” (Una, 2018, p. 25). No entanto, o impacto da violência deixou-a vulnerável aos outros abusos sexuais, respectivamente, aos 12 e 16 anos, levando-a ao processo de desconstrução identitária.

Pelo enredo, é possível acompanhar o período da infância à idade adulta marcado por episódios angustiantes e dolorosos, procedentes de várias formas de violência: *bullying* na escola; indiferença por parte da família, escola e profissionais da área da saúde mental; humilhação; isolamento e; silenciamento. Os efeitos traumáticos e incapacitantes de tais violências promoveram a baixa autoestima, a dificuldade de interação, a angústia, a ansiedade, o pânico, a depressão, a culpa e o medo.

2 – Concepções acerca do medo

O medo é uma das emoções naturais compartilhada entre humanos e animais. Trata-se de um instinto de sobrevivência, uma emoção protetiva e primitiva para manter-se em alerta perante uma ameaça que coloque em risco a vida, ao promover uma reação bioquímica de enfrentamento ou fuga. É também uma resposta emocional e subjetiva, a qual se pode experienciar algo positivo ou negativo e em diferente medida (Tuan, 2005; Bauman, 2008).

Segundo Bauman (2008), o mundo está repleto de perigos que surgem sem aviso e geram desconforto, pressentimentos e apreensão. No entanto, quando são enfrentados, deixam de ser difusos e flutuantes, instaurando-se a sensação de alívio. O medo é a incerteza do perigo ser real ou imaginário, é a “[...] nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* — do que pode e do

que não pode — para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance (Bauman, 2008, p. 8).

O referido autor conceitua o medo de duas formas: primário e secundário. O medo primário faz parte das emoções básicas, é uma resposta imediata e de fácil identificação diante de uma situação considerada de risco, como o temor de ser atingido por um tiro durante um assalto à mão armada, o desafio de um novo emprego em que o foco está no alcance de expectativas profissionais, de uma epidemia, da rejeição, entre outras. Esse tipo de medo é desencadeado por diversas situações do cotidiano, sendo familiar a todos os indivíduos.

Já o medo secundário é uma emoção complexa, pois acontece quando há vestígios de uma experiência traumática, a qual influencia o comportamento. Causa a constante sensação de insegurança e vulnerabilidade, como, por exemplo, o receio da recorrência de uma interrupção involuntária de uma gravidez, ter sido vítima de um sequestro e viver amedrontado por pensar em passar por isso novamente etc. Esse medo é o sentimento derivado da emoção, cujo gatilho é qualquer recordação que retome o trauma e cause sofrimento psicológico. Com o agravamento de uma aflição, há a dificuldade de tomada de decisões por parte do indivíduo, porque teme reviver algo ruim. O descontrole desse sentimento pode provocar transtornos emocionais, psíquicos e psicológicos, tais como: culpa, angústia, isolamento, ansiedade, pânico e depressão.

Para Tuan (2005), a variação emocional do medo é um fator de diferenciação entre humano e animal. O animal até pode apresentar algumas semelhanças, como os sinais de alarme e a ansiedade, mas não é capaz de sentir o medo da humilhação ou de ser envergonhado, por ser exclusivo da capacidade humana. À vista disso, o humano tem maior variação emocional, pois “[...] a imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade de medo no mundo dos homens” (Tuan, 2005, p. 11). O conhecimento e a imaginação ampliam o medo e provocam sensações negativas e subjetivas.

Ao focalizar o tema, Tuan (2005) faz uma associação do termo “paisagem” ao medo, por considerar a insegurança humana o resultado da relação entre estado psicológico e o ambiente real, em razão do último ser um estímulo ao medo. Desse modo, viver em um espaço hostil e violento pode

provocar essa emoção e até mesmo intensificá-la. A moradia, por exemplo, pode ser um lugar de abrigo e proteção para uns, porém de perturbação e intimidação para outros, em virtude de o medo ser subjetivo.

Nessa lógica, paisagens do medo são construções da mente que, em sua infinitude, se manifesta do caos e, simultaneamente, das tentativas de controle, das quais o indivíduo recorre para enfrentar determinado percalço. As ameaças estão em toda parte; por consequência, há diferentes paisagens do medo, cujo espaço pode despertar o sentimento de risco ou provocar ansiedade, em razão da perda de controle ao deixar-se dominar pelo medo. Com base em Tuan (2005), o medo constitui um aprisionamento; no entanto, há a possibilidade de ser ressignificado ao transformá-lo em coragem.

3 – Identidade: algumas perspectivas teóricas

Em *Desconstruindo Una* (Una, 2018), a protagonista passa por um processo de construção e desconstrução identitárias em decorrência dos abusos sexuais e das diversas formas de violência, das quais a mulher é vítima. Por meio dos relatos memorialísticos, é possível apreender as diversas sensações negativas pertinentes à reconfiguração da identidade de Una.

Para observar essa formação identitária, recobra-se a ideia de Bauman (2005) sobre a fluidez das identidades na sociedade pós-moderna. A solidez da identidade foi substituída pela instabilidade, ou seja, há a constante reconstrução motivada pelo contexto moderno líquido, em que as relações sociais e a materialidade não são estimadas, abrindo espaço para que tudo seja descartável ou substituível. O indivíduo deixa de ter uma identidade sólida e durável ao reconstruí-la, pois “[...] as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (Bauman, 2005, p. 35). A longo prazo, essa instabilidade identitária pode fomentar insegurança e ansiedade.

Com base em Woodward (2012), a identidade também é reconstruída frequentemente; entretanto, é marcada pela diferença e exclusão em relação ao outro. À vista disso, a identidade é relacional, pois depende de algo fora dela para se formar e se distinguir pelo que não é. A autora exemplifica a formação identitária, a partir de duas posições nacionais, a dos soldados sérvios e a dos

soldados croatas. Antes da Guerra da Bósnia, os sérvios e os croatas se identificavam por aspectos em comum, como tempo de unidade política e econômica, região, nação e cultura. Após o conflito, essas identidades nacionais passaram a ser definidas pela diferença em sua representação mediante símbolos, como uniformes, bandeiras e grupo inimigo.

A identidade de um povo é, portanto, marcada por um sistema simbólico, em que objetos podem conter sentidos atribuídos a eles, dos quais reforçam que “ser um sérvio é ser um “não croata” (Woodward, 2012, p. 9). Nesse entendimento, uma identidade depende da outra para existir e a sua construção é instituída pela inclusão ou exclusão de algo vinculado às relações sociais e materiais, sujeitas às mudanças sócio-históricas. A título de exemplo, sérvios e croatas que faziam parte da antiga Iugoslávia e compartilhavam referências culturais e sócio-históricas, em virtude da guerra, passaram a diferenciar-se pelos interesses e símbolos.

A respeito de identidade e subjetividade, Woodward (2012, p. 56) afirma que “[...] as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”. Sob essa perspectiva, o indivíduo, concebido como sujeito, se identifica com posições sociais, históricas, culturais, econômicas e políticas, que interferem na constituição identitária, pois estão presentes no processo de formação.

Diante do exposto, entende-se que a identidade não é estável, porque desconsideraria o reconhecimento das diferenças como parte da própria constituição do sujeito. A identidade é um processo e o indivíduo na condição de sujeito busca segurança ao reconstruir-se a partir de escolhas em relação ao outro, caracterizando a multiplicidade identitária.

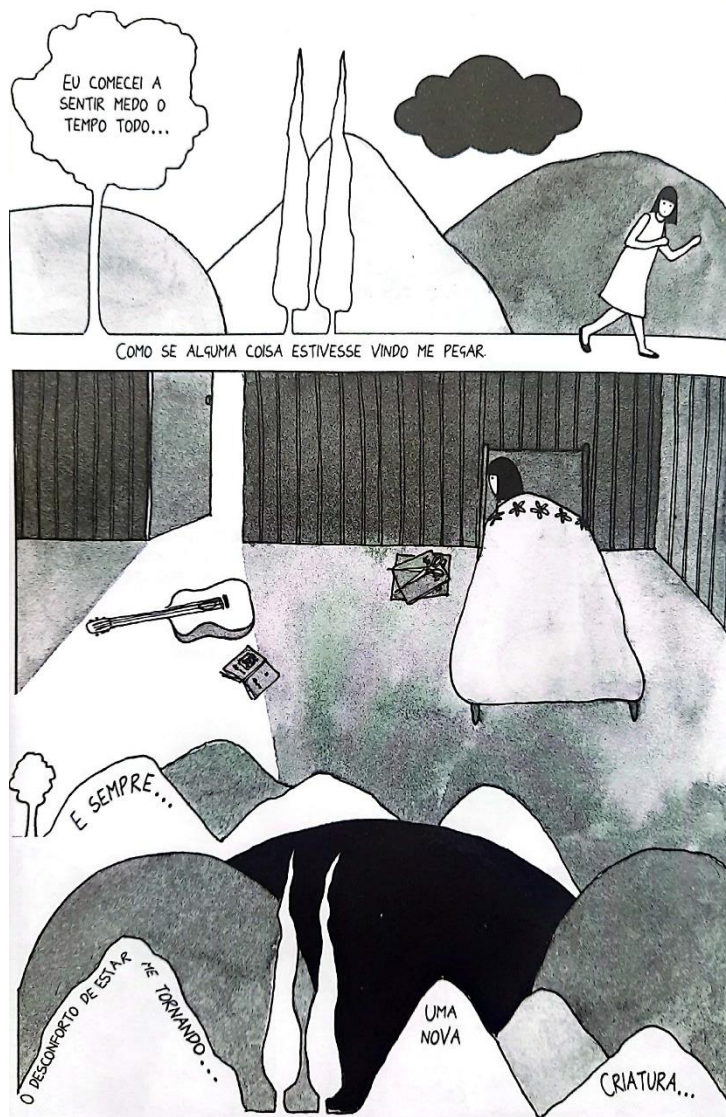
4 – Conexões entre medo e identidade

Em *Desconstruindo Una* (Una, 2018), a protagonista explana algumas memórias de sua infância antes do crime sexual. Sob a perspectiva de uma construção identitária, que seguia seu curso, conforme a personagem almejava, são expostos gostos musicais, família, escola, balé, brinquedos, épocas favoritas do ano e alguns aspectos sobre a cidade onde residia, ou seja, um ambiente livre do sofrimento. Entretanto, após o primeiro abuso sexual, há uma ruptura no

processo de construção de sua identidade, deixando-a vulnerável a outros abusos. A partir disso, inicia-se o período marcado pelo caos emocional pós-traumático.

À luz do medo secundário (Bauman, 2008), percebe-se que os abusos sexuais sofridos por Una foram um gatilho para o surgimento do medo e do processo de desmontagem identitária. O comportamento da protagonista e as escolhas feitas até a vida adulta estavam associados à violência sexual, à cultura machista sem questionamento ou à punição e à submissão. Una era assolada pelo medo, independentemente da presença ou não de uma ameaça direta à vida ou à integridade, conforme observa-se no fragmento 1, em que declara o constante medo de algo vir pegá-la.

Fragmento 1 – A presença do medo



Fonte: Uma, 2018, p. 38. Acervo da autora.

Segundo Cagnin (2014, p. 34), a legenda “abriga o narrador”, que reinterpreta um fato real ou fictício ao leitor, além de ter a função de fixar o sentido pretendido e de complementar a imagem. De acordo com Ramos (2010), a legenda é a voz do narrador onisciente, porém a personagem pode se apropriar do recurso ao retomar um fato do passado. Nesse sentido, a legenda é a voz da narradora-protagonista, por abarcar uma narrativa memorialística. Desse modo, a legenda-zero (Ramos, 2010), ou seja, sem contorno, é o recurso utilizado na narrativa para comunicar a expressividade imagética e a intenção pretendida, cuja disposição das palavras indica a instabilidade das emoções. Ademais, a postura corporal configura o temor, ao mostrar o movimento de fuga perante a possível situação de perigo. Conforme Eisner (2010), a postura corporal reforça o sentido pretendido no texto, além de comunicar o tempo e a emoção.

Com base em Bauman (2008, p. 9), o medo secundário adquire a “capacidade da autopropulsão”. A pessoa, ao viver uma experiência traumática, que inclua insegurança e vulnerabilidade, apresentará reações de alerta contínuas. Uma não se sentia confortável e segura nem no próprio corpo, pois a ingenuidade da infância havia sido interrompida; via-se em transformação, como “uma nova criatura” (Una, 2018, p. 38), a ser contemplada, posteriormente, no fragmento 2.

Fragmento 2 – Tentativas de controle do medo

PASSEI A FICAR CONSTANTEMENTE DESCONFIADA.



ALGO DEBAIXO DA CAMA OU DENTRO DO ARMÁRIO. COMECEI A VERIFICAR ESSES LUGARES A CADA DOIS MINUTOS. EU PRECISAVA FICAR VERIFICANDO PORQUE NÃO PODIA CONFIAR NOS MEUS PRÓPRIOS OLHOS E NÃO CONSEGUIA ME SENTIR SEGURA.

Fonte: Uma, 2018, p. 42. Acervo da autora.

O fato de o medo estar em todo lugar amedrontava não só a Una, mas também as mulheres de Yorkshire. A imprensa local e a polícia propagavam o medo pelo modo como, respectivamente, noticiava os crimes e conduzia as investigações. De certa forma, exerciam o controle das ações das mulheres, pois a disseminação de um medo, real ou imaginário, pode ser usada como controle do outro. As mulheres se sentiam vulneráveis ao Estripador, com medo de saírem sozinhas e até mesmo por serem mulheres, por não ter segurança e nem o devido suporte social e judicial.

No fragmento 2, ainda utilizando o recurso da legenda-zero, a narradora-protagonista explicita a constante sensação de desconfiança, como se algo rastejasse sobre seu corpo ao dormir. Novamente, a legenda-zero expressa a flutuação das emoções, ao revelar a onipresença do medo, como se fosse um fantasma a assombrar Una, estabelecendo uma relação com a ideia de o medo também ser uma construção mental. Se as legendas fossem elaboradas com contorno, estabilizaria o medo, não sendo esse o efeito desejado. Em seguida, a personagem aponta alguns comportamentos defensivos. Tuan (2005) menciona que as tentativas de controle são as ações do indivíduo para conter o medo. No caso da protagonista, inicialmente, as formas de controle eram olhar debaixo da cama ou dentro do armário, assim como outras ações relatadas na narrativa, como dormir com a tesoura debaixo do travesseiro e deixar o violão encostado na porta do seu quarto, para que fizesse um ruído se alguém entrasse. A incerteza do perigo favorecia a insegurança, a desestabilização e o descontrole de suas emoções, ao passo que suscitava a desmontagem identitária.

Segundo Tuan (2005), o medo é um mecanismo de defesa, mas pode ser um aprisionamento. A ação de defesa da personagem era analisar todo o espaço em que vivia. Entretanto, com a intensidade do sentimento, suas atitudes comportamentais eram definidas e limitadas pelo medo, marcando a transformação da identidade. O referido autor afirma que “conhecer é arriscar-se a sentir mais medo. Quanto menos se sabe, menos se teme” (Tuan, 2005, p. 11). Em virtude do trauma, o medo aumentou com o tempo, conforme declarou a personagem (Una, 2018, p. 66): “Enquanto eu crescia, meu medo crescia comigo, até que tudo foi envolvido por ele”. Por consequência, ela não interagiu socialmente nem externalizava seu martírio, pois estava presa ao medo e à

vergonha de expor a violência, da qual foi vítima. Sendo assim, observa-se o processo gradual da reconstrução identitária, diretamente ligado à desconstrução, à criatura caótica e à metamorfose da protagonista.

Com fundamento em Bauman (2008), a existência de temores estimula a ação defensiva e satura a rotina diária. Una estava sempre vigilante porque vivia o sofrimento emocional frente ao desamparo familiar e social. Desse modo, houve um agravamento do medo, levando-a ao silenciamento, em função de as mulheres serem culpabilizadas e julgadas, enquanto os homens eram colocados em uma posição privilegiada e favorecida por padrões sociais de comportamento, que se mostravam abusivos, machistas e patriarcais, consoantes a cultura do estupro (Sousa, 2017).

Mediante especificidades da linguagem autônoma quadrinística, o medo é revelado ao configurar a sensação de perseguição, a desconfiança e o desconforto com o próprio corpo, metaforizado pela imagem da menina com asas decorativas, por não conseguir voar. Segundo Ramos (2010), a expressão corporal alia-se ao sentido intencionado. Desse modo, expressões faciais, gestos, postura do corpo e metáforas são recursos característicos dos quadrinhos, dos quais o leitor precisa ter conhecimento de como funcionam para realizar a construção do significado. Essa metaforização simboliza a transformação após o crime, pois a personagem não se reconhecia naquele corpo e estava em processo identitário. O fato de a criatura estar impossibilitada de voar é mais um indicativo de aprisionamento pelo medo, em razão de Una ainda estar assimilando a violência e a mudança no curso de um desenvolvimento idealizado. A protagonista desejava não ter passado por todo aquele sofrimento, queria uma vida livre do medo, do silenciamento e da impunidade, mas não foi possível seguir despreendida de toda a carga negativa experienciada.

O medo proporcionou a Una um caminho de dor, angústia, insegurança e, ao mesmo tempo, crescimento, o qual determinou tanto a desconstrução quanto a reconstrução identitária. Ao longo do processo, a personagem compreende a inevitável transformação após o crime sexual, pois não era possível ser como antes, o passado era parte dela. No fragmento 3, este momento é representado pela metaforização de um inseto completo, não mais por uma menina com asas. A representação metafórica corrobora o processo

identitário, em que Una precisou experienciar e suportar as adversidades, como indiferença, humilhação, culpa, vergonha, pânico e depressão, para depois se transformar e se reconstruir.

Fragmento 3 – Reconstrução identitária

APRENDI MELHOR A ESCONDER MEU EU VERDADEIRO, MAS ESSA CRIATURA... ESSA MUTAÇÃO TINHA SE TORNADO PARTE DE MIM.



Fonte: Uma, 2018, p. 120.

Retomando a ideia de Woodward (2012) sobre a representação simbólica, percebem-se vários vestígios simbólicos, que revelam a transformação da protagonista, com destaque para a mutação. Una se sentia um “bicho estranho”, à margem do esperado socialmente. Conforme as representações simbólicas vão se repetindo na história, compreende-se a desumanização não só da protagonista, mas também da mulher vítima de violência. Em meio à dificuldade emocional e psicológica, Una buscava reaver o equilíbrio para seguir em frente. O movimento corporal da criatura caindo e se reerguendo realça o movimento de desconstrução e reconstrução identitária. Assim, a representação metafórica é um recurso que possibilita efeitos de sentido, que talvez não seriam alcançados pela objetividade. Segundo Eisner (2010), a interação entre quadrinista e leitor favorece a compreensão da proposta construída, uma vez que as imagens armazenadas são evocadas para apreensão do sentido e do impacto emocional.

Sob à perspectiva de Bauman (2005) e de Woodward (2012) quanto à identidade se reconstruir constantemente, nota-se a relevância do reposicionamento de Una, para que ocorra a reconstrução identitária. A protagonista reivindica uma identidade portadora de voz, rebelando-se contra o silenciamento imposto. Ao deixar para trás o nome atribuído no nascimento, ela assume o pseudônimo Una, cujo significado é “uma vida, uma de muitas” (Una,

2008, p. 10), ou seja, aquela que queria ser ouvida e daria fim ao silêncio, para encorajar outras vítimas de violência sexual a fazerem o mesmo. O modo como as vítimas mulheres eram criminalizadas e tratadas pela sociedade reforçavam a impunidade do agressor e o desencorajamento na busca por ajuda, devido à invalidação da fala feminina. Portanto, trata-se de mais uma representação simbólica, pois a personagem passa a configurar a unidade das vozes de mulheres inicialmente dispersas, por acreditarem que sofriam sozinhas.

À medida que a protagonista refletia sobre os crimes, a marginalização das mulheres assassinadas, a investigação, a imprensa local e a visão da sociedade, ela se identificava com certas posições que cooperavam com a reconstituição de sua identidade. A personagem, ao retomar o passado, assume tomadas de posições ao perceber as diferenças entre o comportamento masculino e a cobrança sobre a mulher. Una foi humilhada e culpabilizada por pessoas ao seu redor, assim como as vítimas do Estripador de Yorkshire, marginalizadas pela sociedade. Nota-se a subjetividade feminina afetada por concepções de submissão e formas de opressão, sustentadas pelo medo. Segundo Woodward (2012, p. 40), “a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença”. Em vista disso, a identidade de Una é construída em referência às mulheres vítimas de crimes sexuais e em negação ao modelo machista e sexista.

A partir dos três fragmentos, verifica-se que as tomadas de posição da protagonista tiveram marcadamente influências do medo na reconstrução identitária. O comportamento de Una foi determinado, causando insegurança, vulnerabilidade e aprisionamento. No entanto, quando ela teve o entendimento das violências sofridas, o medo foi ressignificado em coragem, ao reivindicar uma identidade detentora de voz e por servir de esteio para várias outras mulheres silenciadas.

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se verificar a relação entre o medo e a identidade da protagonista Una. Na história em quadrinhos autobiográfica, observou-se que os abusos sexuais desencadearam uma série de consequências emocionais e psicológicas, sendo uma delas a intensificação do medo. A incerteza de uma

possível ameaça, real ou imaginária, fez com que ela assumisse ações defensivas, sendo uma forma de controle de suas ações sociais.

Sob as concepções relativas ao medo secundário (Bauman, 2008) e às paisagens do medo (Tuan, 2005), verificou-se que a assiduidade do medo gerava efeitos negativos, como insegurança, vulnerabilidade e ansiedade. À vista disso, percebe-se um agravamento ao passo que o medo deixava de ser um mecanismo de defesa, tornando-se uma prisão e abrindo espaço para outras formas de violência, como incompreensão, humilhação, depreciação, desamparo e silenciamento. As tentativas de controle não eram eficientes, pois o medo era resultado de uma experiência traumática e construído coletivamente por meio da cultura do estupro (Sousa, 2017).

Diante do exposto, afirma-se que o medo interferiu e orientou as tomadas de posição da protagonista e, conseqüentemente, contribuiu para sua reconfiguração identitária, a partir de um processo de desconstrução motivado pelo trauma e sustentado pelo medo. Para mais, houve a resignificação do medo, quando Una deixou de negar sua identidade anterior e reivindicou uma identidade agenciadora de outras vozes femininas.

A identidade se reconstituiu quando ocorreu a resignificação do medo. Una transformou o sofrimento em coragem ao assumir sua voz e, paralelamente, representar outras mulheres. Portanto, a linguagem autônoma quadrinística é o meio de produção que materializa o medo mediante a legenda-zero, as representações metafóricas e a expressão corporal, que vão além da função de narrar. Os recursos quadrinísticos observados reforçam o sentido pretendido e retratam emoções, a fim de que o leitor as reconheça e apreenda a dolorosa jornada de uma vítima de violência sexual, que, em grande medida, é silenciada, julgada, oprimida e marginalizada pela sociedade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. 17º *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 06 nov. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E%20book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2023.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Estudos Feministas*. Florianópolis, n. 25, v. 1, p. 9-29. jan./abr., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6pdm53sryMYcjrFQr9HNcnS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2023.

TUAN, Yi-fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

UNA. *Desconstruindo Una*. São Paulo: Nemo, 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

Recebido em: 10.11.2023.

Aprovado em: 05.04.2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional